

Dirty Work: estimulando conversações sobre o Trabalho Sujo no campo da administração

Cynara Marques Hayeck Bacci (UFU) - cyhayeck@gmail.com

Edileusa Godoi-De-Sousa (UFU) - edileusagodoi@uol.com.br

Rodrigo Miranda (UFU) - rodmiranda02@gmail.com

Resumo:

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a produção científica nacional e internacional sobre Dirty Work (Trabalho Sujo), no campo da Administração, visando propor uma agenda de pesquisa sobre o tema na área. Conduzimos uma pesquisa de caráter qualitativo, considerando periódicos com classificação Qualis/CAPES na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, no espaço temporal de 2010 a 2015. Para tanto, realizamos uma busca no portal online de periódicos da CAPES com os termos “Trabalho Sujo” e “Dirty Work”, obtendo como resultando quatro artigos, sendo dois nacionais em língua portuguesa e dois internacionais em língua inglesa. Para a análise dos artigos, nos orientamos para identificar, conceitualmente, a que tipo de trabalho a literatura atribui como sujo, qual o caráter social, moral, cultural, físico e psicológico relacionado a esse conceito, qual o lugar ocupado pelos trabalhadores que desempenham o trabalho sujo e como cada artigo aborda essa temática. Como resultados, apontamos direções para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema na área da Administração, possíveis interlocuções, debates e perspectivas críticas.

Palavras-chave: *Dirty Work; Trabalho Sujo; Administração*

Área temática: *GT-07 O Dark Side das Organizações: Crimes, Violência e Má Conduta no Ambiente Corporativo*

Dirty Work: estimulando conversações sobre o Trabalho Sujo no campo da administração

Resumo

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a produção científica nacional e internacional sobre *Dirty Work* (Trabalho Sujo), no campo da Administração, visando propor uma agenda de pesquisa sobre o tema na área. Conduzimos uma pesquisa de caráter qualitativo, considerando periódicos com classificação Qualis/CAPES na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, no espaço temporal de 2010 a 2015. Para tanto, realizamos uma busca no portal online de periódicos da CAPES com os termos “Trabalho Sujo” e “*Dirty Work*”, obtendo como resultando quatro artigos, sendo dois nacionais em língua portuguesa e dois internacionais em língua inglesa. Para a análise dos artigos, nos orientamos para identificar, conceitualmente, a que tipo de trabalho a literatura atribui como sujo, qual o caráter social, moral, cultural, físico e psicológico relacionado a esse conceito, qual o lugar ocupado pelos trabalhadores que desempenham o trabalho sujo e como cada artigo aborda essa temática. Como resultados, apontamos direções para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema na área da Administração, possíveis interlocuções, debates e perspectivas críticas.

Introdução

Existem alguns temas que estão envoltos no medo, vergonha, falta de informação e, em alguns casos, na falta de percepção de que eles existam efetivamente. É o caso da noção de *Dirty Work*, expressão em inglês traduzida como “Trabalho Sujo” e que se configura em diferentes formas de trabalho existentes. Trata-se de um tema ainda pouco estudado no campo de estudos das organizações, portanto, promover o avanço nas pesquisas, nas análises, nas discussões sobre o *Dirty Work* contribui para que esse invólucro de limitações e de desconhecimento seja rompido.

Quando a expressão *Dirty Work* é utilizada, normalmente, refere-se a alguns tipos de trabalho, tais como: catadores de lixo, profissionais do sexo, coveiros, açougueiros, cuidadores de idosos e/ou doentes, entre outros. Esse tipo de trabalho compreende atividades laborais que envolvem aspectos negativos a partir da forma como as sociedades contemporâneas se organizam, trabalhos considerados insalubres ou que causam algum tipo de asco ou revolta de alguns que não estão diretamente ligados ao trabalho considerado como sujo e, até mesmo, desqualificado. Existe também a expressão *Dirty Jobs* que remete às mesmas atividades (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

O *Dirty Work* retrata um lado sobre o qual a sociedade silencia, com características extremamente negativas, mas que, mesmo assim, deve ser realizado por pessoas que, para alguns, não merecem destaque e nem precisam ser mostradas. Essas atividades, em muitos casos, são essenciais, mas permanecem escondidas ou não vistas pela maioria. O termo “sujo” pode envolver também aspectos de desgaste físico, psicológico, baixa remuneração, ausência de higiene do local de trabalho e do trabalhador ao executar sua atividade profissional, condições insalubres, degradantes, trabalho pesado, cansativo, com horário de trabalho exaustivo, entre outras características similares (HUGHES, 1958).

Além disso, o Trabalho Sujo está relacionado às atividades que envolvam a sexualidade, temática essa que, na sociedade, também é permeada por uma “nuvem” de moral e maneiras de se pensar, expressar e analisar. Quando o trabalho analisado tem essa característica, ele é

percebido de uma maneira diferente, diante de relações sociais permeadas pela noção de patriarcalismo, moralismo e machismo. Assim, reforça a ideia de algo que deve ser escondido, não comentado, não pensado, não divulgado (TYLER, 2011).

Nas Ciências Sociais e nas Ciências Humanas de maneira geral, esse tema já foi estudado e pesquisado, mesmo que em pouca quantidade, mas, quando a temática está voltada para a forma como esse tipo de trabalho é visto dentro das organizações, as pesquisas ainda são raras. Em se tratando de nível nacional, a maioria das pesquisas publicadas é de pesquisadores que se aventuraram num tema visto como de pouca relevância para muitos, principalmente, se pensarmos na perspectiva das organizações na análise do seu próprio contexto que não querem que seja exteriorizado.

Em julho de 2005, o canal de televisão Discovery Channel começou a transmitir a série chamada de *Dirty Jobs*. Nessa série, o apresentador Mike Rowe iniciava cada episódio afirmando que o telespectador deveria se preparar para ficar sujo. Dessa forma imperativa e afirmativa, a série trazia imagens e informações sobre diversos tipos de trabalhos considerados sujos, e sobre os quais muitos dos telespectadores se sentiriam enojados e não teriam vontade de atuar como profissional ou que, até mesmo, desconheciam sua existência. A transmissão original da série encerrou-se em setembro de 2012, com cada episódio com cerca de 60 minutos de duração e apresentando mais de um tipo de trabalho (ABRANTES, 2012).

Abrantes (2012) destaca sete profissões sujas apresentadas na série, tais como:

a) detetives de insetos forenses (entomologistas forenses): responsáveis pela análise de insetos e/ou larvas em uma cena de um crime, que pode mostrar aos investigadores alguma informação que, até então, eles não haviam percebido. A série mostra como é o trabalho dessas pessoas, destacando a coleta até sua análise e interpretação do que traz de informação;

b) eliminadores de lixo hospitalar: responsáveis por eliminar resíduos que são descartados nos hospitais e clínicas de todo o planeta. Lembrando que existem métodos específicos para descartar materiais hospitalares e para manuseá-los também. A série retratou o trabalho de descarte de lixo hospitalar de uma empresa nos Estados Unidos, mas o processo pode ser bem menos criterioso e seguro em outros;

c) produtores de vinho: o processo da colheita da uva à mesa envolve muita sujeira;

d) técnicos para amaciar água: sim, parece estranho, mas a água pode ser considerada dura quando possui altas concentrações de minerais e os amaciadores utilizam cal e carbonato de sódio para amaciá-la;

e) caçadores de fósseis: trata-se de um trabalho braçal que está longe da imagem de glamour que a indústria cinematográfica mostra;

f) equipe de recuperação de gelo: equipe responsável por descontaminação de gelo causada por algum composto químico como óleo diesel;

g) babá exótica: responsável pela limpeza do ambiente onde animais exóticos vivem, alimentá-los e limpá-los.

Tais exemplos destacados na série mostram alguns dos tipos de trabalhos que podem ser considerados sujos no sentido estrito do termo. Entretanto, no Brasil e em outros países, outras formas podem ser destacadas, já que o contexto político, econômico, social e cultural pode representar um importante aspecto para caracterizar um trabalho como sujo.

Partindo de uma perspectiva de compreensão do Trabalho Sujo, este trabalho tem como objetivo analisar a produção científica nacional e internacional sobre *Dirty Work* (Trabalho Sujo), no campo da Administração, visando propor uma agenda de pesquisa sobre o tema na área. Para isso, realizamos uma pesquisa documental, de caráter qualitativo, considerando periódicos com classificação Qualis/CAPES, na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, no espaço temporal de 2010 a 2015.

Organizamos o artigo de acordo com o levantamento e análise de textos, nacionais ou internacionais, publicados em periódicos com qualificação da Capes. Com esta pesquisa, esperamos apontar a relevância de um tema ainda pouco discutido dentro das organizações, mas que tem aumentado seu vigor a partir da constatação da necessidade de “dar voz” aos sujeitos envolvidos nessas atividades dentro e fora da academia.

Este trabalho foi estruturado, inicialmente, com a apresentação de uma revisão da literatura sobre os termos Trabalho Sujo e *Dirty Work*. Em seguida, em termos metodológicos, apresentamos a pesquisa de caráter qualitativo em volta dos estudos realizados nessa temática em artigos com classificação Qualis/CAPES. Adiante, seguimos com as principais características percebidas nos artigos utilizados, cada um com sua metodologia, foco no tema e particularidades. As principais contribuições de cada um para o tema aqui proposto segue como um importante ponto de discussão. Por fim, discutimos propostas e possíveis reflexões futuras para o campo da Administração.

O conceito de Dirty Work

Até o início do século XXI, não havia uma forte tradição em pesquisas com abordagem qualitativa no campo da Administração, mas, a partir da década de 1970, foi possível perceber um crescente aumento no interesse por essa abordagem. Assim, coube a esta pesquisa, como instrumento de estudo, a análise de artigos de natureza qualitativa. Entretanto, o tema proposto neste trabalho não é um tema que aparece recorrentemente nas pesquisas da área de Administração, gestão e estudos organizacionais.

Para iniciar a discussão sobre Trabalho Sujo, tratamos do termo trabalho isoladamente. No livro intitulado *Palavras-Chave*, Raymond Williams (2007) destaca que o termo é originário do seu correspondente em língua inglesa - *work*. De maneira geral, refere-se a fazer algo, uma atividade, um esforço ou uma realização, além de possuir uma ampla gama de aplicações. O mesmo pode ou não ser remunerado.

Historicamente, o termo trabalho tem relação com *labour*, pois esse possui um sentido que remete ao período medieval de dor, faina (trabalho exaustivo), esforço penoso e fadiga. A noção de trabalho como uma atividade remunerada foi decorrente do desenvolvimento das relações produtivas capitalistas. E assim, ele passou a ser visto de maneira diferenciada da forma como era visto na Idade Média (WILLIAMS, 2007).

A ideia de trabalho reprodutivo remete ao pensamento de Karl Marx (e também de Friedrich Engels) que, ao desenvolver uma Sociologia relacionada ao trabalho, pensou num conceito indissociavelmente ligado à análise da divisão do trabalho e seu papel central na perpetuação da exploração e no modo de produção capitalista. Para Marx (2004, p. 211), “[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”.

Marx (2004) ainda destaca os elementos que compõem essa atividade produtiva em todo o seu processo, que envolve: a atividade adequada a um fim, ou seja, o próprio trabalho; a matéria a que se aplica o trabalho e os meios de trabalho ou instrumental de trabalho. Daí decorre que, no processo de trabalho, a atividade do homem opera uma transformação subordinada a um fim, e assim, esse processo se finaliza em um produto, um valor de uso adaptado às necessidades humanas.

O termo “sujo” remete à noção de falta de limpeza, à sujidade, emporcalhado, imundo, sórdido, contrário ao decoro e à moral, obscuro, que merece reprovação ou censura, indecente, desonesto, entre outras noções (FERREIRA, 1986). Unindo os dois termos, num sentido amplo, tem-se a percepção do que os termos “Trabalho Sujo” ou “*Dirty Work*” representam. Em muitos casos, ele aparece relacionado com diversos outros preconceitos em diversos grupos sociais,

dentre os quais pode-se destacar a discriminação étnico-racial, gênero e sexualidade (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). Outro aspecto a destacar é sobre o conceito de trabalho reprodutivo, que ocupa um tema central na análise da desigualdade de gênero e inclui a compreensão da desvalorização de algumas práticas laborais (WILLIAMS, 2007).

O estudo sobre o tema não é recente, apesar de ter pouca atenção nacional nas diversas áreas, principalmente na Administração. Talvez essa dificuldade em estudar o tema esteja envolvida em um tabu de que formas de trabalho considerados sujos não mereçam muita atenção ou, até mesmo, que não seja interessante para as organizações que as pessoas tenham conhecimento sobre como as atividades que seus funcionários executam são vistas pela sociedade em geral e que remeta à ideia de que, o que é sujo, deve ser velado pelo silêncio, obscuridade e/ou invisibilidade.

As primeiras pesquisas sobre trabalhos considerados sujos foram iniciadas com os estudos da Escola de Chicago no início do século XX, na tentativa de aproximação entre pesquisas científicas e os problemas sociais (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). Ele foi utilizado pela primeira vez por Hughes (1951), ao se referir àquelas situações e atividades de pouco prestígio e visibilidade social, que em muitos casos são estigmatizadas. O mesmo autor definiu

[...] o trabalho sujo como o trabalho que carrega uma mácula física, social e moral; trabalho sujo pode ser simplesmente fisicamente repugnante. Pode ser um símbolo da degradação, algo que fere a dignidade. Finalmente, pode ser um trabalho sujo na medida em que, de alguma forma contraria a mais heroica das nossas concepções morais (HUGHES, 1951, p. 319, tradução nossa).

Ashforth e Kreiner (1999) atualizam o pensamento de Hughes e analisam que a mácula física ocorre quando é realizada sob o que são percebidos como particularmente condições “sujas”. Para os autores, a mácula¹ social ocorre quando um trabalho envolve contato direto com as pessoas que são estigmatizadas, ou em que o trabalhador tem uma relação particularmente servil aos outros. A mácula moral ocorre quando uma profissão é considerada pecaminosa, de virtude duvidosa ou onde os trabalhadores empregam métodos (por exemplo: sendo enganoso, intrusivo ou confrontante) que se pensa ser imoral.

O tema tornou-se objeto de pesquisa, principalmente, na Sociologia, para depois instigar pesquisadores de outras áreas, como a Psicologia. Ao remetermos a ideia para os trabalhos da Psicologia Social Brasileira, o tema aparece de maneira tangencial e o uso do conceito praticamente não aparece (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013). As motivações para as poucas investigações existentes são de caráter epistemológico e ético-político. Na maioria dos casos, os trabalhos têm como ponto de partida uma corrente de matriz neopositivista, com priorização do trabalho como atividade geradora de valor.

Bendassolli e Falcão (2013) destacam a importância de conceituar o trabalho visto como sujo, pois defendem a tese de que esse conceito ocupa um papel importante e estratégico no campo da Psicologia Social Crítica do trabalho. Para os autores, esse tipo de trabalho deve ser reservado àquelas atividades privadas do entorno de um coletivo de trabalho e não remeter, exclusivamente, à trabalhos informais, precários, marginais, invisíveis e vazios. Essa sujeira proveniente do termo, está relacionada a uma dimensão que extrapola a dimensão social.

O aspecto mais importante, conforme os autores, é o de contribuir para tirar o tema da obscuridade, pois,

[...] na perspectiva que ele foi originalmente concebido, implica na compreensão de quais as dimensões, psicossociais, econômicas, morais, estão envolvidas na existência e na realização desses tipos de atividades, e na discussão da própria dinâmica social e

¹ O termo Mácula foi usado no sentido de mancha, infâmia, defeito, imperfeição, descrédito e mancha na reputação (FERREIRA, 1986).

dos processos de constituição dos sujeitos (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1154).

Assim, o Trabalho Sujo é caracterizado como toda atividade suscetível às situações que envolvam pouco prestígio, pouca visibilidade social, algum aspecto que possa denegrir a esfera moral do indivíduo, que esteja atrelada à alguma forma de estigmatização, vergonha, medo, baixa ou nenhuma remuneração, dificuldade de classificação perante a sociedade, que possua dimensões psicossociais, econômicas, morais e que dificulte também, a forma como o próprio sujeito envolvido se classifica e se constitui.

Procedimentos metodológicos

O procedimento técnico aqui utilizado, envolveu um método de pesquisa qualitativa, de estudo e análise bibliométrica a partir da produção científica nacional e internacional sobre o tema Trabalho Sujo (*Dirty Work*), em periódicos com Qualis² disponibilizados no portal periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), delimitados no espaço temporal de 2010 a 2015.

Ao utilizar o termo “qualitativo”, a pesquisa pode assumir um caráter de compreensão de diferentes técnicas interpretativas que descrevem e decodificam componentes integrantes de um sistema mais complexo ou traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, conforme Neves (1996). O autor ainda aborda a necessidade de um recorte temporal-espaçial do fenômeno estudado pelo pesquisador.

Considerou-se, na delimitação do tema e da metodologia, que a produção acadêmica voltada para pesquisas qualitativas em Administração no país se destacou, significativamente, a partir da década de 1990, devido à expansão de cursos de pós-graduação na área e pelos estímulos da CAPES voltados para a produção de novas produções acadêmicas e, conseqüentemente, na divulgação em periódicos de excelência (JABBOUR; SANTOS; BARBIERI, 2008). Com esta pesquisa, esperamos contribuir com o campo da administração, apontando pontos relevantes que mostrem a noção de formas de Trabalho Sujo nessas fontes. Assim, trata-se de extrair informações de documentos, tratá-los e de “juntar” as peças.

Um aspecto positivo destacado na pesquisa de caráter documental é o de assumir uma crescente relevância do tema, “[...] sobretudo se considerarmos o quanto rapidamente vem crescendo a produção de dados, a diversificação dos suportes de registro, a velocidade da circulação de dados, e as próprias possibilidades de acesso aos múltiplos formatos de documentos na assim chamada era da informação (BELTRÃO; NOGUEIRA, 2011: p. 2) ”.

A primeira etapa da organização do material coletado envolveu uma pesquisa por reportagens e artigos que abordassem o tema proposto, mesmo que de forma sutil. A partir daí as leituras e os fichamentos foram essenciais. A leitura de alguns artigos foi mais demorada, pois alguns foram escritos em língua inglesa, o que demanda um tempo maior para que não haja nenhuma interpretação distorcida. As demais etapas envolveram: organização do material coletado e análise.

Apesar de todo o enfoque direcionado ao método qualitativo, faz-se necessário esclarecer que os métodos quantitativos e qualitativos são distintos, porém não são opostos. É comum que as pesquisas sejam conduzidas com base nos dois métodos. Nesse cenário, pode-se considerar a pesquisa como uma base para estabelecer futuros novos caminhos e delimitação do tema.

² O termo Qualis representa um conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior voltado para a qualificação da produção intelectual. A análise é realizada nos veículos e esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, A2; B1; B2; B3; B4; B5; C.

O procedimento de busca dos periódicos envolveu algumas etapas. A primeira etapa consistiu em uma busca com a expressão em inglês “*Dirty Work*” no sistema de busca do portal CAPES, no período entre 2010 e 2015. Os documentos foram delimitados a artigos, revisados por pares, em língua inglesa. A busca resultou em um total de 55 artigos, com a posterior verificação se os mesmos constam na listagem Qualis/CAPES. Após essa verificação, procedeu-se a leitura dos resumos e descartou-se aqueles que tratam sobre o tema de maneira tangencial.

Dos 55 artigos pesquisados, 17 tratam do tema e os demais o abordam de maneira tangencial. Depois desse refinamento, dos 17 artigos, somente dois foram publicados por periódicos que possuem classificação Qualis/CAPES de acordo com os filtros de busca destacados a seguir. As buscas pelas informações sobre a classificação Qualis/CAPES foram realizadas na seguinte ordem: Plataforma Sucupira → Periódicos Qualis → Evento de Classificação: Qualis 2014 → Área de avaliação: Administração, Ciências Contábeis e Turismo.

A mesma busca foi realizada, porém, com o termo em língua portuguesa, ou seja, utilizando a expressão “Trabalho Sujo”, no período de 2010 a 2015 e revisado por pares. A busca resultou em quatro artigos e, após o refinamento, concluímos que dois deles possuem classificação Qualis/CAPES.

Resultados

Da pesquisa realizada nos periódicos Qualis/CAPES e considerando a delimitação dos artigos aqui utilizados, chegamos à caracterização a seguir:

Quadro 1 – Informações sobre os artigos utilizados no trabalho

Título do periódico	Título do artigo	Ano	Autor (es)	Filiação do (s) autor (es)	Tema	Qualis
Sociologias	Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação.	2014	Jordão Horta Nunes	Ciências Sociais – Universidade Federal de Goiás (UFG).	A construção das formas identitárias no trabalho em serviços.	B1
Universitas Psychologica (Colômbia)	Psicologia Social do Trabalho Sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho.	2013	Pedro F. Bendassolli; Jorge T. da Rocha Falcão	Psicologia – Universidade Federal do Rio Grande no Norte (UFRN).	Análise do conceito do Trabalho Sujo.	B2
Humans Relations	Tainted Love: from dirty work to abject labour in Soho’s sex shops.	2011	Melissa Tyler	Essex Business School - University of Essex, Reino Unido.	Pesquisa etnográfica em sex shops no Soho, em Londres.	A
New Technology, work and employment	The Kill programme: an ethnographic study of “dirty work” in a slaughterhouse.	2015	Darren McCabe; Lindsay Hamilton	Estudos Organizacionais – Lancaster Management School; Gestão – Keele University Management School.	Pesquisa etnográfica realizada num matadouro no Reino Unido.	A1

Fonte: Dados de pesquisa.

A seguir, analisamos cada um dos artigos identificados abordam a temática, nos orientando pelos seguintes aspectos: temática em foco, perspectiva teórico-conceitual, abordagem metodológica e principais resultados.

Artigo 1 – Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação

O primeiro artigo analisado, intitulado “Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação”, foi publicado em 2015, no periódico *Sociologias* (Bogotá-Colômbia) e aborda a importância de análise da construção das formas identitárias no trabalho em serviços. Para isso, Nunes (2014) utiliza um repertório conceitual que remete à sociologia do trabalho francesa e ao interacionismo simbólico. Para nossa pesquisa, é importante abordar o aspecto identitário do mundo do trabalho para que seja possível relacioná-lo com a temática do Trabalho Sujo.

Nunes (2014) analisa os casos de serventes de limpeza e de vendedores, além de considerar para o primeiro grupo, a terceirização, sua consequência negativa na dinâmica do reconhecimento e a invisibilidade do trabalho que remete ao serviço doméstico, como também, para o segundo grupo, os dilemas relacionados às formas de interação com os clientes.

O tema dilema identitários no mundo do trabalho, mais especificamente, no que diz respeito aos serviços, é visto como um tema oxímoro, como uma combinação engenhosa de palavras que podem ser contraditórias ou incongruentes, mas que mesmo assim, devem considerar que além da correlação entre trabalho, cargo e ocupação, é preciso relacionar identidade com outros fatores que transcendem a dimensão retórica, oximórica e considera a construção intersubjetiva dos trabalhadores e a interpretação pessoal da identidade laboral.

Assim, deve-se partir do princípio de que, para compreensão da identidade social, considera-se um dualismo metodológico que associa aspectos objetivos e subjetivos, de maneira complementar ou dialética. Daí aparecem figuras como Bourdieu, Habermas, Elias e Giddens que transitam pelas Ciências Sociais.

A dimensão objetiva citada envolve atributos institucionalmente conferidos provenientes de processos de socialização (educação familiar, capacitação profissional, educação escolar, exemplificam tal processo) e a dimensão subjetiva está relacionada ao reconhecimento cognitivo e afetivo dos atributos que são institucionalmente estabelecidos.

A partir dessas dimensões, Nunes (2014) considera a identidade a partir da linguagem e dos atos de fala, para concebê-la como um processo construtivo envolto em uma dimensão temporal e histórica, aproximando a emergência e reconhecimento do *self* ou pessoa social, como também a fenomenologia das socializações identitárias construídas pelo sociólogo Claude Dubar (2005), que, ao avaliar a existências de múltiplas identidades, nos auxilia a compreender como ela está inserida no mundo do trabalho.

A forma identitária mais antiga nos grupos sociais é a cultural ou comunitária que designa o que herdamos de costumes e tradições. A segunda é a societária ou estatutária que é a internalização de formas de socialização institucionais. Nela, somos divididos em diversos estratos, tais como: sexo, religião, idade, entre outros. A função dessa segunda forma identitária é de ser usada para ações governamentais e planejamentos de políticas públicas. O trânsito histórico entre essas duas formas identitárias envolveu a racionalização da produção e a divisão social do trabalho, ocasionando as primeiras crises identitárias modernas (NUNES, 2014).

Partindo dessa explanação da tipologia ideal para Weber (1999) e do esquema conceitual de Dubar (2005), Nunes (2014) buscou orientar sua análise da construção de formas identitárias em dois tipos de ocupações em serviços que compreendem formas de reconhecimento social distintas. É importante ressaltar que os tipos ideais são relativos à tipologia elaborada por Dubar para compreensão das formas de identificação social, mas os

dilemas identitários não são tipos ideais. São alternativas de orientação normativa que podem surgir na trajetória dos trabalhadores.

O primeiro tipo de ocupação analisado foi o de serviços e baseou-se na tríade empregador-empregado-consumidor que valoriza a dimensão discursiva ou simbólica que estrutura as relações sociais de serviço. A abordagem crítica da identidade no trabalho em serviços tem nuances na teoria marxista, bourdiana, interacionismo simbólico e sociologia compreensiva weberiana.

Essa identidade no trabalho em serviços foi reforçada pelos estudos sobre a cultura do trabalho e a Sociologia do consumo que afirmam que o indivíduo contemporâneo não se identifica exclusivamente por meio do trabalho, mas também, por meio de outras formas de socialização, aspectos sociais, culturais e políticos. O consumo passa a ter um importante papel na construção da identidade desse indivíduo, mas não só no que diz respeito ao ato de consumir, mas também à experimentação do consumo, de várias situações que ele pode ocasionar, da posição social, das relações de crédito, entre outras. Os autores da Escola de Frankfurt e sua Teoria Crítica sobre a Indústria Cultural contribuíram para a análise de como as múltiplas identidades dos consumidores impulsionaram o marketing e orientou o que e quando produzir.

Nunes (2014) analisou dados do Censo de 2010 e percebeu que os resultados indicavam uma distribuição ocupacional no Brasil intrinsecamente relacionada ao passado colonial, sociedade patriarcal e relações de poder baseadas em laços paternalistas e servis. A ocupação de serventes de limpeza, ou faxineiro na Classificação Brasileira de Ocupações, envolve atividades como: lavar fachadas, limpar vidros, móveis e superfícies, remover sujeira, varrer, limpar cortinas, entre outras atividades fora do ambiente doméstico.

A invisibilidade pública do trabalho desses atores sociais voltados para a limpeza está relacionada a dois fatores psicossociais que são: a humilhação social e a reificação (transformação do ser humano em coisa), associados ao desaparecimento intersubjetivo que considera o indivíduo somente pelas funções que ele executa e abstrai o sujeito que as executou (NUNES, 2014).

A divisão sexual das atividades desses trabalhadores “invisíveis” remete à herança dos arranjos domésticos patriarcais, em que o homem trabalha na rua e a mulher se limita ao espaço privado. A situação se agrava nos casos em que esse serviço de limpeza é terceirizado, pois em alguns casos, nem ao menos possuem um local apropriado para se alimentarem e precisam comer suas marmitas nos banheiros.

Outro fator que provoca um dilema identitário é de que existem mulheres que ocupam o cargo de serventes de limpeza e que, trabalharam anteriormente como domésticas, com ou sem remuneração. Nos casos de não envolver remuneração, o trabalho envolvia a concessão de alojamento e comida. É preciso considerar também, casos que envolvem diversas caracterizações de violência e trabalho infantil.

Artigo 2 – Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho

O segundo artigo analisado é intitulado “Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho”. Publicado em 2013, é um artigo que traz o termo “Trabalho Sujo” explicitamente, e não de forma implícita como o artigo de Nunes (2014) que analisa uma forma de trabalho que se encaixa no contexto de tal forma de trabalho.

O objetivo dos autores foi de analisar o conceito de Trabalho Sujo, argumentando que essa análise é primordial para a ampliação de temas investigados pela psicologia social do trabalho. Destaca-se que o estudo sobre o Trabalho Sujo não é recente e utiliza-se o sentido de tal forma de trabalho de acordo com a Escola de Chicago, destacando que o termo foi cunhado

por Hughes em 1951 para designar situações e atividades de pouco prestígio e visibilidade social, e que são, normalmente, estigmatizadas.

A importância de se pensar esse tema é de tratá-lo como estratégico. Quando envolve a Sociologia do Trabalho Sujo, considera-se a noção da expressão proveniente do inglês *Dirty Work*. *Dirty* remete à ideia de estigma, mácula, mancha, que de alguma forma, provoca nojo ou leva à invisibilidade. Assim, remete à uma prática repulsiva, que gera degradação, que rouba a dignidade de um indivíduo, que é física, moral e socialmente manchadas (*tainted*).

Autores como Hughes (1951,1958) e Ashforth e Kreiner (1999) indicaram algumas dimensões das atividades que envolvem o Trabalho Sujo. A primeira é a dimensão física que o relaciona com ocupações associadas ao lixo, morte, fluidos corporais, esgoto, condições perigosas, entre outras. A segunda dimensão é a social, pois ela está vinculada aos indivíduos que executam tais funções como “trabalhadores sujos” que, em muitos casos, adotam uma postura de subserviência em relação aos outros. A terceira dimensão é a moral, pois esses trabalhadores executam tarefas que são moralmente estigmatizadas e reprováveis. Essas dimensões podem ser vivenciadas simultaneamente ou não, sendo a prostituição um exemplo de vivência simultânea (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

No que diz respeito à realidade da atividade do Trabalho Sujo, Bendassolli e Falcão (2013) ressaltam uma preocupação de que, ao conceituá-lo, o pesquisador parta do pressuposto de que, se do ponto de vista moral ele é um mal trabalho, deverá ser erradicado, pois produz situações de risco, vulnerabilidade e invisibilidade para as pessoas. Entretanto, esse pressuposto é acompanhado de um risco de não considerar a realidade desse tipo de trabalho. Um exemplo que ilustra esse risco é o de um agente funerário. Cabe a ele preparar cadáveres para o velório e sepultamento e, por mais que exista o desenvolvimento tecnológico, ele continua sendo feito da mesma forma. Daí decorre a existência de uma quarta dimensão do Trabalho Sujo - a psicológica - pois há um sujeito implicado na realização dessa atividade e mergulhado num contexto coletivo de trabalho.

O Trabalho Sujo também pode conter uma quinta dimensão que é a do trabalho esvaziado. Tal esvaziamento, relacionado ao termo em francês *travail placardisé*, se refere à uma modalidade de ocupação desqualificada e/ou processo de esvaziamento e desvalorização. Essa percepção pode caminhar para a direção do assédio moral nas organizações e, até mesmo, à outras configurações de violência dentro no contexto do trabalho (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Nesse contexto dimensional, é pertinente considerar que, para muitos economistas que analisam questões macroeconômicas, o perfil do Trabalho Sujo pode representar um desemprego disfarçado, um não-emprego, subemprego, ou de maneira menos pejorativa, um trabalho informal, que envolve atividades não-regulares em termos de tributação e submissão a outras formas de regulação jurídico-econômicas, comumente, chamadas de quebra-galho ou bico (MATTOS, 2012).

Outras esferas ou dimensões são a do prazer-desprazer, frustração, humilhação e raiva como emoções frias. Trata-se da vivência subjetiva de quem exerce atividades consideradas sujas. A emoção configura-se como um ato instrumental expressivo, pois manifesta uma atividade relativa a si mesmo, aos outros e ao contexto de maneira mais ampla. Outras dimensões que podem ser destacadas são: a da esfera moralidade-legalidade, da baixa desejabilidade ou representação social depreciativa dessas atividades.

A partir da perspectiva da saúde psíquica do trabalhador, o texto aborda alguns desafios teóricos para o estudo do tema. O primeiro relaciona Trabalho Sujo e saúde, pois essa está relacionada a uma potência de afirmação do sujeito perante a realidade da atividade e tem relação com normas, posicionamento ativo do sujeito. Daí, decorre que, o sofrimento e adoecimento “[...] estão relacionados à impossibilidade de o sujeito superar os impedimentos intrínsecos e extrínsecos à sua atividade (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1161).”

O segundo envolve a possibilidade de considera-lo como um trabalho capaz de promover o desenvolvimento de quem o realiza. Mas, é preciso não confundir com status social das atividades sujas com a função psicológica que elas podem desempenhar para as pessoas que delas se ocupam. O terceiro desafio conceitual consiste no sentimento de insignificância nos sujeitos envolvidos, impede que eles reconheçam seu próprio trabalho, pois se não discutem sobre a qualidade do que fazem, pode acarretar um impedimento de reconhecer o que se faz como atividade laboral, tornando-as estranhas para si mesmas e gerando um ativismo sem obra ou atividade vazia (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

Artigo 3 - *Tainted love: from dirty work to abject labour in Soho's sex shops*

O terceiro artigo com título em língua inglesa "*Tainted love: from dirty work to abject labour in Soho's sex shops*", escrito por Melissa Tyler, docente na área de Trabalho e Estudos Organizacionais na Universidade de Essex, no Reino Unido, com destaque para as análises da autora após uma pesquisa etnográfica realizada em sex shops localizados no Soho, um distrito de Londres. Trata-se de uma região conhecida há décadas como um local voltado para a vida noturna e com diversos estabelecimentos ligados à indústria do sexo. É o coração da indústria do sexo na capital inglesa há mais de dois séculos.

Partindo do conceito de Trabalho Sujo, Tyler (2011) explora as diversas "impurezas" relacionadas a esse tipo de trabalho, como também, aspectos físicos, morais e sociais vividos e experimentados. Além disso, ela analisa os sentimentos dos que trabalham nesses estabelecimentos que, envolvem, simultaneamente, repulsa e desejo. Logo na introdução, a autora apresenta um relato de uma assistente de vendas de uma loja de roupas íntimas femininas sobre o seu trabalho. Nele, a vendedora chamada de Davina, reconhece que seu trabalho envolve um misto de inspiração e emoção.

A intenção do artigo é mostrar, literalmente, o lugar desse trabalho, é provocar uma reflexão sobre o papel do lugar na formação da construção, percepção e experiência vivida. Trabalho esse que, carrega impurezas físicas, sociais e morais. Ashforth e Kreiner (1999) são citados pela vinculação da reformulação do Trabalho Sujo para fortes culturas organizacionais e profissionais e como chamam a atenção para o papel do lugar na formação dos significados ligados ao tema.

Há uma estigmatização dos que fornecem e/ou consomem produtos ligados à indústria do sexo, além de uma associação do trabalho sexual com lugares específicos. E, mesmo com o crescente interesse nos estudos organizacionais com relação ao espaço, trabalho e organização, a análise sobre o lugar (significativo) e essa relação ainda é negligenciada dentro dessa literatura.

Quando se trata do lugar destinado a esse tipo de atividade, considera-se os aspectos que envolvem a questão moral, que está ligada à limitação do sexo à esfera privada das relações íntimas e não à uma transação comercial entre pessoas estranhas e em um espaço totalmente aberto e público. A partir dessa perspectiva, pode-se traçar uma convergência com a discussão do primeiro artigo aqui abordado no que se refere aos dilemas identitários no mundo dos serviços.

Mesmo estudiosos sobre trabalho e organização têm uma dificuldade em saber mais sobre as identidades e práticas de trabalho e como se articulam em locais particulares. Até dentro da Geografia Social, o lugar permaneceu como um conceito relativamente pouco desenvolvido até poucas décadas atrás. Assim, o significado subjetivo do lugar ainda não possui uma influência contínua sobre a maneira como os estudiosos das organizações consideram. Essa obscuridade das interconexões e experiências de trabalho das pessoas nesse espaço continua num lugar que a autora chama de *shadows* (sombrias).

A sujeira que envolve o trabalho relacionado ao sexo é proveniente da estigmatização do seu espaço específico, pois ele, em muitos casos, está ligado ao consumo excessivo de álcool, consumo e tráfico de drogas. Dessa forma, a autora destaca a importância da pesquisa etnográfica que constituiu um importante recurso para reflexão sobre o trabalho de vendas no varejo em *sex shops* e como esse lugar é experimentado pelos que trabalham no setor, de acordo com suas próprias palavras, suas expectativas e suas vivências.

A etnografia foi utilizada como recurso metodológico por Tyler que, além de realizar observações no interior das lojas, também observou e fez anotações sobre os espaços no seu entorno, em todo o distrito estudado, em suas ruas principais, laterais e becos. Tyler (2011) recorre a autores já destacados anteriormente nos outros dois artigos, como Hughes que conceituou Trabalho Sujo na década de 1950 como uma atividade relacionada à uma mácula física, social e moral, que envolve aspectos repugnantes, degradantes e que fere a dignidade dos indivíduos que o executam. Tyler (2011) recorre ainda a Ashforth e Kreiner (1999), que também destacam a mácula física, social ligado à relação estigmatizada e moral no sentido de a profissão ser relacionada como pecaminosa e de virtudes duvidosas. No caso da pesquisa nos estabelecimentos do Soho, esse trabalho envolve aspectos imorais numa sociedade que considera o sexo como um tema exclusivamente privado.

Um aspecto importante para se destacar é de um relato de uma das vendedoras de um *sex shop*, chamada no artigo de Julie, que afirma se orgulhar muito do seu trabalho, mas que, um dos lugares onde ela não comenta sobre ele é na escola dos filhos. Ela afirma também, que nunca contou ao pai sobre o seu local de trabalho e nem sua real função, já que seria considerada por ele como uma transgressão moral. Portanto, essas observações do relato da funcionária possuem aspectos que permeiam e reforçam a estigmatização da sua função como Trabalho Sujo, pois caracteriza-se um tema tabu na nossa sociedade.

De acordo com as análises de Tyler (2011), o fato do próprio local de trabalho ser um *sex shop* já carrega uma estigmatização social e moral em qualquer outro local. Como a sua pesquisa foi feita no Soho, local que já possui essa estigmatização, suas hipóteses se reforçaram, pois, cabiam a elas a noção de atividades imorais de uma loja de varejo intrinsecamente relacionada com sexo, que ainda é um tema tabu em muitos grupos sociais. Entretanto, mesmo com essa percepção do senso comum sobre o distrito de Londres, uma entrevistada ressalta o caráter “normal” e “comum” dos seus clientes. Se fugir disso, os vendedores já se sentem incomodados e destacam o quão desagradável é uma situação assim.

Artigo 4 - *The kill programme: an ethnographic study of dirty work in a slaughterhouse*

O último artigo aqui analisado retrata uma percepção do Trabalho Sujo que não está relacionada com o sexo ou um tema tabu em nossa sociedade, mas trata-se de uma atividade que não é tão percebida por muitos, pois o produto final gerado por essa atividade nem sempre faz com que as pessoas que o consomem pensem em como é todo o seu processo de produção até o consumo e, muito menos, quais são os indivíduos nele envolvidos e como eles se sentem.

Esse artigo é: “*The kill programme: an ethnographic study of dirty work in a slaughterhouse*”, publicado no periódico *New Technology, work and employment* em 2015 por Darren McCabe e Lindsay Hamilton. Ele é resultado de um estudo etnográfico em um matadouro no Reino Unido, especificamente com a função de inspetores de carne. Essa atividade tem como aspecto cultural a prevalência masculina pela ideia de força física.

A pesquisa não analisou todos os trabalhadores da linha de produção no matadouro visitado, seu foco foi nos inspetores de carne, que são responsáveis pelo controle de qualidade em diversos matadouros em atendimento às exigências da Agência de Padrões de Alimentos do Reino Unido (FSA), pois para os autores, trata-se de trabalhadores totalmente ignorados na literatura por ser um subgrupo desconhecido dentro do processo de produção.

Os inspetores de carne empregados nos matadouros possuem uma estigmatização em termos de qualidade e condições de emprego, pois, em comparação com as funções da profissão contemporâneas, como a de médicos veterinários que são considerados altamente qualificados para o trabalho de inspetores em matadouros.

Assim como nos dois artigos anteriores, recorre-se, mais uma vez, à Ashforth e Kreiner (1999) para designar o estigma, a mancha, ou mácula de trabalhos vistos como sujos na sociedade contemporânea. A perspectiva de pensar as fronteiras do trabalho em diferentes ocupações e funções em um matadouro possui como fator inerente a distinção entre quem está trabalhando diretamente na linha de produção e de quem não está. Entretanto, é importante destacar que, isso se aplica a quem está ou não em outros processos da produção ou quem é responsável pela inspeção.

Todas as funções relacionadas ao produto final gerado por um matadouro são fisicamente contaminadas, pois ambos lidam com um produto associado à morte. Os trabalhadores da linha de produção trabalham com o desmembramento de animais mortos e isso exige que tenham contato com “poluentes” do trabalho, como sangue, carcaças, vísceras, entre outros.

Os inspetores de carne não estão diretamente ligados nessa parte física da mácula da produção, mas lidam com esses poluentes de forma indireta. Essa ligação de segunda ordem também ocorre pelo contato direto com agentes de todo o processo de produção, agentes esses, como já destacado anteriormente, que são estigmatizados. Assim, conforme os autores, os dois grupos são igualmente sujos dentro da concepção de Trabalho Sujo.

O que os distanciam é a distinção entre os que possuem prestígio mais elevado, mesmo que dentro da perspectiva da mácula do seu trabalho, como os inspetores de carne, os médicos veterinários e os administradores dos matadouros e os que possuem baixo prestígio, como os operadores de produção, os responsáveis pelo abate, entre outros.

Considerando a perspectiva de pesquisa etnográfica de Geertz (1993), McCabe e Hamilton (2015) destacam a importância da compreensão da natureza do trabalho e o papel que os inspetores de carne desempenham em relação a ele. Essa compreensão permite uma nova visão sobre a natureza do Trabalho Sujo, já que traz divisões e diferenças entre grupos envolvidos nas atividades em matadouros e remete à uma forte noção cultural que as distancia e as aproxima.

O espaço físico de trabalho dos inspetores é marcado por um escritório pequeno, sujo, apertado, com uma única janela com vista para o local de embalagem das carnes e cheira a mofo. Assim como o horário de trabalho dos trabalhadores da linha de produção, o dos inspetores começa às seis. Isso mostra que, apesar da noção de “prestígio” na perspectiva de todas as funções dentro do cotidiano de um matadouro, um escritório claustrofóbico, degradante e desagradável retrata como esse “prestígio” deve ser relativizado.

No processo de produção como um todo, existe uma organização que destaca a individualização e o significado da introdução de tecnologias. Assim, há uma divisão em segmentos “sujos” e segmentos “limpos” sobre os diferentes Trabalhos Sujos desse processo. O sujo está relacionado com o transporte e manuseio de gaiolas com as aves. Essas gaiolas são empilhadas manualmente e depois são levadas para a câmara de gás onde os animais são mortos em segundos. McCabe e Hamilton (2015) ressaltaram que não houve nenhum tipo de reação observável quanto a retirada das aves mortas da câmara de gás. Além disso, mostram que foi possível observar distinções entre estes trabalhadores, pois havia um grupo, intitulado em inglês como *hangers*.

Os funcionários da linha de produção são responsáveis pelo transporte das aves do ambiente “sujo” para a zona *post-mortem* da fábrica. Esse é o ambiente “limpo” do Trabalho Sujo do matadouro que o texto retrata. Nele, os empregados levam as aves mortas para um

tanque e os escalda para retirada das penas. Ali, o cheiro é “[...] perturbadoramente reminiscente de frango cozido (McCABE; HAMILTON, 2015, p. 102, tradução nossa).”

Depois de uma primeira inspeção, dali elas são encaminhadas para uma sala onde retiram seus órgãos internos e passam por outras duas inspeções: uma de um inspetor de carne e outra de um veterinário. Adiante, em um ambiente com uma pequena quantidade de sangue nas roupas e no chão, os frangos são embalados, pesados e etiquetados. Esses pacotes passam por outra inspeção antes de irem para o processo de expedição.

Nessa área considerada “limpa”, houve pouca incidência de trabalhadores cobertos por sangue ou poças no chão. Nesse sentido, recorre-se às análises de Ashforth e Kreiner (1999), pois os mesmos destacam que a capacidade de matar em escala industrial parece lavar a mancha ou mácula de tal trabalho, pois parece igualar “limpeza de bondade e sujeira de maldade.” (ASHFORTH; KREINER, 1999, p. 416). Isso pode levar à uma tentativa de dissociação do potencial de estigma.

Discussão

A partir dos dois trabalhos internacionais que abordam atividades específicas de Trabalhos Sujos, bem como dois artigos em língua portuguesa que ajudam a pensar a dinâmica a estigmatização desse trabalho, o quadro a seguir apresenta os principais aspectos de cada um dos quatro artigos.

Quadro 2 – Principais aspectos encontrados nos textos pesquisados

Artigo	Temática	Perspectiva teórico-conceitual	Abordagem	Resultados
Artigo 1 - Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação.	Formas identitárias no trabalho em serviços.	-Necessidade de caracterização do aspecto identitário do mundo do trabalho para relacioná-lo com a temática do Trabalho Sujo. -A compreensão da identidade envolve aspectos objetivos e subjetivos.	Construção de teorias sobre a identidade laboral, com ênfase no mundo dos serviços, associada à uma análise empírica com trabalhadores nas seguintes ocupações: serventes de limpeza e vendedores (as).	-A identidade no trabalho é estabelecida quando o indivíduo contemporâneo se identifica através do trabalho, por meio de outras formas de socialização, aspectos sociais, culturais e políticos. -O consumo tem um importante papel na construção da identidade desse indivíduo.
Artigo 2- Psicologia Social do Trabalho Sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho.	Análise do conceito do Trabalho Sujo.	O Trabalho Sujo envolve as dimensões física, social e moral.	Trata o tema como estratégico em diversas áreas do conhecimento.	-Relação entre Trabalho sujo e saúde (sofrimento e adoecimento). -É um trabalho capaz de promover o desenvolvimento social e sentimento de insignificância do que fazem.
Artigo 3 - Tainted Love: from dirty work to abject labour in Soho's sex shops.	Estigmatização do trabalho em sex-shops	Explora as diversas “impurezas” relacionadas ao Trabalho Sujo e os aspectos físicos, morais e sociais vividos.	Etnografia que aborda a inter-relação entre os sentimentos de repulsa e medo que envolvem o Trabalho Sujo.	-Estigmatização dos que fornecem e/ou consomem produtos ligados à indústria do sexo e associação do trabalho sexual com lugares específicos. -A análise sobre esse lugar relação ainda é negligenciada dentro dessa literatura. -A sujeira que envolve o trabalho relacionado ao sexo, é proveniente, da estigmatização do seu espaço específico.

Artigo 4 - The Kill programme: an ethnographic study of “dirty work” in a slaughterhouse.	Estigmatização do trabalho de inspetores de carne.	Considera um tipo de Trabalho Sujo que, indiretamente, envolve inspetores de carne em um matadouro.	Os inspetores de carne não estão diretamente ligados à mácula física da produção, mas lidam com poluentes de forma indireta (contato direto com agentes de todo o processo de produção, que também são estigmatizados)→ os dois grupos são igualmente sujidos dentro da concepção de Trabalho Sujo.	O Trabalho Sujo é estigmatizado por questões como baixos salários, exploração do trabalho, trabalho itinerante, mercados de trabalho, condições econômicas e tecnológicas.
---	--	---	---	--

Fonte: Dados de pesquisa.

Depois das leituras e análises desses artigos, foi possível perceber que, apesar dos poucos trabalhos que focam nas diferentes configurações de Trabalhos Sujos, aqueles que basearam esta discussão, trouxeram considerações extremamente relevantes para que um “invólucro” de invisibilidade dos atores sociais que executam tais funções seja rompido, ou que, pelo menos, contribua para o distanciamento da noção de mácula, mancha e estigmatização. As temáticas presentes nos trabalhos analisados são: a estigmatização do trabalho sujo, as formas identitárias e a análise conceitual do trabalho sujo.

A frequente argumentação nos artigos analisados, de que o Trabalho Sujo, no senso comum, remete intrinsecamente à noção mácula e mancha (moral, social, psicológica e/ou cultural), também indicou a sua relação com a invisibilidade dos atores sociais nele envolvidos e casos de constante humilhação diante de sua atividade profissional, bem como a falha na concepção dos lugares ocupados por tais sujeitos.

Diante disso, faz-se necessário pensar na dimensão psicológica desses indivíduos e na possibilidade do desaparecimento intersubjetivo que os considera, exclusivamente, pelas suas funções, abstraindo o sujeito as executou. Dessa forma, deve-se considerar a importância de extrapolar o caráter social, moral e cultural, para depois, relacioná-los também, aos aspectos subjetivos e relevantes para cada um daqueles que desempenham funções intituladas como Trabalho Sujo.

A dimensão física do Trabalho Sujo ligada à sujeira, ao lixo, à morte, à fluídos corporais, ao sexo e à sexualidade, às condições perigosas e/ou moralmente reprimidas apareceu como ponto de discussão na maioria dos artigos analisados, pois remete à sua conceituação desde a primeira vez que o termo foi cunhado. Além da dimensão física, a dimensão social também foi marcada em discussões que vincula aos indivíduos envolvidos uma postura de subserviência em relação aos outros.

A dimensão moral do Trabalho Sujo remete à ideia de como as tarefas são moralmente estigmatizadas e reprováveis. Os textos analisados ressaltam como o local em si pode representar uma fonte significativa de múltiplas impurezas, moldar as vivências de cada trabalhador e, ao mesmo tempo, constituir um importante recurso para que eles desenvolvam mecanismos coletivos ou individuais para lidar com os efeitos degradantes ou debilitantes dessas impurezas.

Segundo Tyler (2011) ao analisar as lojas de varejo no Soho, esse tipo de trabalho possui um estigma há séculos e carrega “impurezas” que extrapolam as morais. O consumo dos serviços oferecidos pelos *sex shops* em Londres possui um caráter transgressor para quem vende, para quem consome e para quem frequenta tal espaço. Não se trata da noção de sujeira exclusiva de quem trabalha nas lojas, mas, também, de todos que estão ali envolvidos de alguma maneira.

Partindo desse pressuposto, é preciso pensarmos que o Trabalho Sujo deve ser também considerado e estudado em torno de atividades privadas, mas que está inserido numa realidade de um coletivo de trabalho. A dimensão psicológica é relevante, pois conduz a discussão por

um caminho subjetivo de como as pessoas se enxergam no seu trabalho, de como o sujeito que está mergulhado no universo do Trabalho Sujo direciona seus sentimentos para o contexto coletivo de trabalho.

No texto sobre o matadouro (McCABE; HAMILTON, 2015), uma importante contribuição para essa discussão foi a de destacar o contexto da configuração do Trabalho Sujo nesse ramo de atividade profissional, além de considerarem a natureza simbólica da sujeira em algumas perspectivas resultantes de pesquisas sobre o tema. Os autores perceberam que os inspetores carregavam um estigma não só pelo seu trabalho, mas por muitos serem capacitados para executarem atividades além das que a inspeção exigia pela sua formação em Medicina Veterinária. Ou seja, eles eram muito qualificados para desempenharem a função e não que estavam aquém das qualificações exigidas para um inspetor. Porém, devido a diversos fatores, eles ocupavam um cargo que eles viam como degradantes enquanto profissionais e pessoas.

Essa situação pode ter sido ocasionada pela globalização, introdução de novas tecnologias no processo e/ou pela livre circulação de mão de obra na Europa nos últimos anos. Essa dinâmica acarretou na criação de novas dinâmicas contextuais do trabalho e nas dificuldades de manter a autoestima no que diz respeito ao aspecto profissional desses indivíduos.

Um fator que contribui para a percepção do Trabalho Sujo através da perspectiva da mácula e da estigmatização é o de que tais atividades profissionais podem estar ligadas aos baixos salários, às condições precárias de emprego, ao desemprego, ao trabalho formal, entre outros. Além do que, o Trabalho Sujo pode estar associado ao estresse, honra, insatisfação e reorientação do modo de vida da sociedade contemporânea.

Essa reorientação remete à numa análise mais aprofundada do caso do texto de McCabe e Hamilton (2015). Há alguns séculos surgiu uma preocupação com a dieta vegetariana (ou vegana) e o bem-estar animal. Essa preocupação perpassa pelo mundo desde a Antiguidade clássica, O Iluminismo até chegar no século XIX. Há séculos essa ideia transita pelos indivíduos relacionada a aspectos religiosos.

Entretanto, nas últimas duas décadas, essa percepção voltou-se para uma postura ética e não, exclusivamente, religiosa. No final do século XIX o termo “direitos dos animais” foi discutido pela primeira vez e depois disso, o debate sobre a utilização de animais para suprir necessidades dos seres humanos e para gerar lucro vem sendo intensamente debatida.

Com base nessa preocupação com o bem-estar animal e nos impactos que o consumo de alguns produtos de origem animal pode causar no meio ambiente, qualquer tipo de atividade de trabalho considerado sujo e relacionado à matadouros, curtumes, indústria de peles em geral (para vestimentas e outros fins) ou qualquer empresa responsável por esses produtos ajuda a intensificar a noção de atividade laboral que extrapola o Trabalho Sujo, mas que também lida com a morte, a tortura e, principalmente, a condição antiética e voltada para o lucro a qualquer custo.

Diante do que foi exposto, considera-se também a dimensão do trabalho esvaziado, sem sentido em sua essência, desvalorizado, que mesmo com as atribuições do cargo, ainda não possui uma essência para quem o executa. As funções acabam sendo diluídas ou perdem sua funcionalidade no contexto atual que estamos inseridos. Sem contar a característica que também as mancham ainda mais que é a de subemprego, no sentido pejorativo, como um bico.

Portanto, para rompermos com os desafios conceituais do Trabalho Sujo é preciso que aconteça também um rompimento da relação desse tipo de trabalho com a saúde e a moral. É preciso considerá-lo também, como promotor de desenvolvimento de quem o realiza na tentativa de distanciamento do sentimento de insignificância dos sujeitos envolvidos. Assim, é possível que o lugar do trabalho execute o papel de responsável pela formação da construção, da percepção e da experiência vivida de trabalho. Além do que, cabe o rompimento com a percepção que envolve a negação ou a neutralização dos aspectos que configuram seu trabalho.

E o mais importante: essa mácula, solidão e invisibilidade desses trabalhadores devem ser discutidas e pensadas no âmbito organizacional.

A partir dessas considerações, propõe-se uma agenda sobre a temática do Trabalho Sujo que envolva pesquisas sobre os significados que os indivíduos envolvidos nas suas mais diversas configurações possam considerar nas suas práticas profissionais, destacando aspectos negativos e positivos de suas perspectivas, para depois, conduzir essas análises para as perspectivas da organização e da sociedade. Além disso, propõe-se que a vergonha que envolve os Trabalho Sujo seja estudada, pois ela parece estar presente em quase todas as suas configurações.

A conceituação adequada e a teoria sobre o Trabalho Sujo contribuem para um campo de pesquisa que ainda possui lacunas. Se a lacuna conceitual for preenchida, a tendência é de auxiliar a condução de pesquisas que podem trazer importantes categorias de análise para diversas áreas do conhecimento. Isso possibilitará a discussão dos vários usos do termo “sujo” pelas organizações e pelas pessoas relacionadas ao contexto organizacional. É preciso avançar no que diz respeito à pouca produção sobre o tema no campo da Administração.

Uma sugestão de metodologia para pesquisas sobre o tema é considerar o importante papel da Etnografia, por ela não ser uma especialidade exclusiva de pesquisas sobre sociedades primitivas, possibilitando assim, os estudos nas “aldeias” contemporâneas, de problematizar e levantar questões relevantes.

Também é interessante destacar a necessidade de pesquisas bibliográficas que retratem as mesmas funções e/ou atividades com similaridades a elas, sem a perspectiva de estar relacionada ao Trabalho Sujo. Essa proposta de interlocução entre os estudos organizacionais e a Antropologia pode representar um grande avanço para pesquisas sobre esse tema, além de propiciar um caráter interdisciplinar com outras áreas, de maneira crítica e desafiadora.

De modo mais específico, consideramos as seguintes sugestões para conversações entre o tema e a área de estudos organizacionais:

- a) compreender as emoções, percepções, desejos, afetos, valores, crenças e atitudes que permeiam as interações sociais de trabalhadores que desempenham funções conceituadas como Trabalho Sujo nas organizações;
- b) pesquisar as funções e ocupações que surgiram a partir das transformações contemporâneas do trabalho e possam ser conceituadas como Trabalho Sujo;
- c) discutir o Trabalho Sujo no âmbito da autogestão, cooperativismo, economia solidária, movimentos sociais e outras experiências alternativas, buscando aproximação com práticas emancipatórias dos trabalhadores que têm ocupações que possam ser conceituadas com o termo;
- d) pesquisar as relações de gênero que envolvem o Trabalho Sujo, focalizando na diversidade, identidade de gênero, estigmas e preconceitos;
- e) pesquisar o processo de estigmatização das profissões consideradas como Trabalho Sujo, relacionando o conceito de estigma de Goffman associado ao conceito de *dirty work* de Hughes;
- f) investigar os aspectos simbólicos que envolvem o Trabalho Sujo.

Espera-se que essas sugestões estimulem outras ideias que possam enriquecer e trazer muitas contribuições para a área.

Considerações finais

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar a produção científica nacional e internacional sobre *Dirty Work* ou Trabalho Sujo, no campo da Administração, Ciências

Contábeis e Turismo. Ao final, visamos propor e incentivar uma agenda de pesquisa sobre o Trabalho Sujo na área da Administração, com o intuito suscitar a discussão sobre o tema na academia, pois ele não é recorrente, nem mesmo dentro das organizações. A partir desse objetivo, tentamos estimular novos estudos a romper com a preconceção de mácula, estigma e mancha social que envolve tais configurações do trabalho com o intuito de que esses sujeitos possam ser vistos dentro e fora das organizações. A estigmatização e indefinição dos lugares ocupados por tais trabalhadores mostraram-se como barreiras para seu entendimento e, ainda, sua conscientização sobre a relevância do Trabalho Sujo na sociedade contemporânea.

A pesquisa pode contribuir para pensarmos as dimensões do Trabalho Sujo no campo da Administração, de nos preocuparmos com a conceituação desse tipo de trabalho. O pesquisador deve partir do pressuposto inverso ao ponto de vista moral em que esse trabalho está inserido nos diversos grupos sociais, evitando assim, situações de risco, estigma, vulnerabilidade e invisibilidade dos sujeitos que o circundam, ou seja, dos chamados “trabalhadores sujos”. Dentre as principais dimensões do Trabalho Sujo, tais como a física, moral e social, é de suma importância considerar a psíquica, pois trata-se de sujeitos implicados na realização de suas atividades, mesmo que devam ser analisados num contexto coletivo de trabalho.

Um fator importante a destacar é o do pesquisador esbarrar em dificuldades, limitações e/ou barreiras para o desenvolvimento desta pesquisa. O tema parece ser tabu na sociedade contemporânea, tabu no sentido antropológico do termo, pois poucos são os trabalhos nessa área quando se trata de estudos organizacionais. Em outras áreas, como a Psicologia, Ciências Sociais, Direito o termo parece ser menos obscuro, porém, na Administração ainda é preciso romper uma espécie de invólucro que dificulta ou pouco chama atenção para tal problematização, seja ela com uma proposta qualitativa ou quantitativa. Além disso, devemos considerar as barreiras que organizações, sendo elas públicas ou privadas, possam impor para dificultar o acesso aos trabalhadores e informações sobre seu trabalho.

Por fim, tentamos estimular a produção bibliográfica de temas que possam ser associados ao Trabalho Sujo, considerando sua capacidade de aparecer como diversas categorias de análise, com várias “impurezas” que uma atividade laboral pode se atrelar. Devemos considerar que a sociedade que cria a demanda por trabalhos considerados como sujos, é a mesma que priva e estigmatiza os que os realizam. Portanto, o mais importante a ressaltarmos é de que o tema pode e deve tornar-se mais visível, tanto nos estudos e pesquisas sobre a temática na Administração, estudos organizacionais e outras áreas, quanto no que diz respeito ao rompimento da invisibilidade de quem o executa, deixando assim, de sermos meros reprodutores de uma estigmatização sem uma análise crítica que a problematize e a relativize.

Referências

ABRANTES, T. 7 profissões sujas, segundo a série Dirty Jobs. **Exame.com**, São Paulo, 29 jan. 2012. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/7-profissoes-muito-sujas-segundo-a-serie-dirty-jobs>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

ALMEIDA, A.L.O. **Distribuição de renda e emprego em serviços**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES. 1976. (Coleção Relatórios de Pesquisa, n. 34).

ASHFORTH, B. E.; KREINER, G. E. “How can you do it?”: Dirty work and the challenge of constructing a positive identify. **Academy of management review**, New York, v. 24, n. 3, p. 413- 434, 1999. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/259134?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BELTRÃO, R. E. V.; NOGUEIRA, F. A. A Pesquisa documental nos estudos recentes em administração pública e gestão social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. p. 1-17.

BENDASSOLLI, P. F.; FALCÃO, J. T R. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v.12, n. 4, out./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewFile/6494/5921>>. Acesso em: 28 out. 2015.

DIOGO, M.F. **De balde e vassoura na mão**: os sentidos do trabalho para as mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DREW, S.K., MILLS, M.; GASSAWAY, B. M. **Dirty work**. Wako: Baylor University Press, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1y4r3LlkNEkC&pg=PA272&lpg=PA272&dq=drew+mills+gassaway+dirty+work&source=bl&ots=3ppQwTqyDl&sig=wBkYp4_tvL6temXdo93uG4ybuD8&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjBwsv-7NDNAhVMXB4KHU8fCwYQ6AEIHzAA#v=onepage&q=drew%20mills%20gassaway%20dirty%20work&f=false>. Acesso em: 13 dez. 2015.

DUBAR, C. **A crise das identidades**. A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

DUFFY, M. C **Gender & Society**, Newbury Park, v. 21, n. 3, p. 313-336, 2007. Disponível em: <<http://gas.sagepub.com/content/21/3/313>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1993.

GLEEN, E. N. From servitude to service work: historical continuities in the racial division of paid reproductive labor. In: _____. **Working in the servisse society**. Philadelphia: Temple University Press, 1996. p. 115-155. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/3174725.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GODOY, A. S. A Pesquisa Qualitativa e sua Utilização em Administração de Empresas. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71, jul./ago. 1995. Disponível em: < <http://rae.fgv.br/rae/vol35-num4-1995/pesquisa-qualitativa-sua-utilizacao-em-administracao-empresas>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

HUGHES, E. C. **Man and their work**. Glencoe: Free Press, 1958. Disponível em: < <https://ia600207.us.archive.org/21/items/menttheirwork00hugh/menttheirwork00hugh.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

JABBOUR, C. J. C.; SANTOS, F. C. A.; BARBIERI, J. C. Gestão ambiental empresarial: um levantamento da produção científica brasileira divulgada em periódicos da área de administração entre 1996 e 2005. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n.3, p. 689-715, set 2008.

KARL, M. **O capital**: crítica da economia política: livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MATTOS, F. A. M. As ocupações precárias e o desemprego disfarçado. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n.390, 2012. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

McCABE, D.; HAMILTON, L. The Kill programme: an ethnographic study of “dirty work” in a slaughterhouse. **New technology, work and employment**. United Kingdom, v. 30, n. 2, p. 95- 108, July 2015.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

NUNES, J. H. Dilemas identitários no mundo dos serviços: da invisibilidade à interação. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 16, n. 35, p. 238-273, jan./abr. 2014.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, n.114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 ago. 2015.

TYLER, M. Tainted love: from dirty work to abject labour in Soho's sex shops. **Human Relations**, New York, v. 64, n. 11, p. 1477–1500, 2011.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1999.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.